

PAISAGEM ALIADA, PAISAGEM INIMIGA: ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E NATUREZA NA GUERRA DO CONTESTADO

Jaisson Teixeira Lino¹

Elisana Reis da Silva²

Resumo: O artigo procura descrever aspectos da paisagem do meio oeste catarinense no período em que aconteceu a Guerra do Contestado (1912-1916). Por meio do uso de fontes bibliográficas, principalmente de obras escritas por militares que efetivamente participaram do conflito bélico, analisou-se o papel ativo que o meio físico protagonizou para ambos os lados, salientando-se as dificuldades das tropas militares em dominar a paisagem hostil, e o uso intenso da natureza por parte dos sertanejos em prol de suas táticas guerreiras.

Palavras-chave: Guerra do Contestado; Arqueologia da Paisagem; Natureza.

Abstract: The article aims to describe landscape aspects of the midwestern region from Santa Catarina State in the period in what happened the Contestado War (1912-1916). Through the use of bibliographical resources, mainly of works written by military officers who participated actively in the armed conflict, we analyzed the active role that the physical middle for both sides, stressing the difficulties of troops to dominate the landscape hostile, and the strong use of nature by “sertanejos” in benefit to own warrior tactics.

Keywords: Contestado War; Landscape Archaeology; Nature.

Introdução

Este trabalho objetiva descrever aspectos da natureza e da paisagem durante a Guerra do Contestado, utilizando como base bibliográfica algumas produções textuais escritas por militares que participaram deste episódio bélico e outros autores clássicos. A

1 Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* de Chapecó/SC. Endereço institucional: Avenida Presidente Getúlio Vargas, 609N, Edifício Engemede, 2 andar, Bairro Centro - Chapecó - Santa Catarina - Brasil, CEP 89812-000. E-mail: lino@uffs.edu.br.

2 Acadêmica do Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* de Chapecó/SC. E-mail: elisanareis@gmail.com.

questão principal a ser discutida se refere ao fato da paisagem, composta pelo relevo, clima, hidrografia e vegetação, ter tido papel importante no conflito, uma vez que do lado dos sertanejos ela foi utilizada como elemento positivo, conhecedores que eram da região onde combatiam e, em contrapartida, as forças militares sofreram diversos reveses devido justamente a este desconhecimento do território.



Fonte: Desenho de Elisana Reis da Silva

Figura 01: Localização geográfica da área de estudo: à esquerda, localização do Estado de Santa Catarina; à direita, região meio oeste catarinense em destaque.

A Guerra do Contestado aconteceu no planalto sul brasileiro entre os anos de 1912 e 1916, culminando com a morte de mais de 6 mil pessoas³, sendo a maioria formada por caboclos pobres que resistiram a dezenas de expedições militares. Seu epicentro ocorreu

³ Trata-se de um dado estimado, já que há ausência de dados mais precisos nas fontes que tratam das mortes do lado sertanejo.

onde hoje é a região do meio oeste do Estado de Santa Catarina, local de disputas lindeiras entre o Brasil e Argentina no século XIX, e posteriormente entre os estados de Santa Catarina e Paraná, daí advindo o nome de “Contestado”⁴. Historiadores até hoje discutem as razões para a eclosão do conflito, com diversas explicações que podem ser assim resumidas: 1- O “fanatismo” religioso ou formas de messianismo que impeliram aos ajuntamentos e, por conseguinte, atraíram a atenção das autoridades, a exemplo do episódio de Canudos (MONTEIRO, 1974, CAVALCANTI, 2006); 2- A “ignorância” e a “rudeza” da população regional, afeita às peleias e ao “banditismo” (LUZ, 1952); 3- A questão de limites mal resolvida entre os estados do Paraná e Santa Catarina, que transformaram a região em uma “terra de ninguém” (MACHADO, 2004); 4- A ruptura com as velhas formas de coronelismo e compadrio típicas dos sertões brasileiros (MACHADO, 2004); 5- Os projetos capitalistas que expropriaram a população de seu bem mais valioso, a terra, cortando-se o sertão com a construção de ferrovias e serrarias (VALENTINI, 2009). Destacadas as presumíveis principais motivações do conflito, seria de se pensar seriamente na possibilidade de que houve uma junção de fatores causais, explicando-se a guerra a partir de um viés contextual, como vem ocorrendo com estudos mais recentes.

Dentre os diversos aspectos da guerra, neste artigo procura-se analisar a paisagem descrita por fontes diversas, com especial atenção para os escritos militares, apoiados por outras obras que tratam do tema, produzidas por historiadores, sociólogos, religiosos e diletantes, que, em algum momento, se dedicaram a tratar dos aspectos da natureza do território Contestado.

4 Esses conflitos por interesses territoriais podem ser melhor conhecidos por meio da leitura do trabalho de Hensfeld (1996).

Um foco na arqueologia da paisagem

A problemática deste artigo surgiu quando um dos autores realizou pesquisa sobre as possibilidades de estudo da Guerra do Contestado sob a ótica da arqueologia (LINO, 2010). Dentre os diversos temas tratados, a paisagem da região se destacava nos escritos militares, agindo como uma arma a serviço dos sertanejos. Partindo desta constatação, decidiu-se por aprofundar o tema, tratando a natureza e a paisagem da zona conflagrada como um artefato, passível de estudo, utilizando-se as concepções teórico-metodológicos da arqueologia da paisagem.

Com os avanços teóricos e epistemológicos da arqueologia, vieram também mudanças sensíveis no trato com o objeto de estudo. Os elementos não-visuais, negligenciados por pesquisadores ligados às escolas histórico-cultural e processual⁵, foram enfim considerados por muitos pesquisadores, incluindo-se neste rol o ambiente circundante que, embora não nitidamente transformado de natureza em cultura e, neste caso, cultura material, também foram sendo aos poucos incluídos nas agendas de pesquisa. Neste sentido, as feições naturais, não necessariamente alteradas por ações antrópicas, foram utilizadas como ferramenta ativa e efetiva na tática das guerras de guerrilhas caboclas no conflito do Contestado.

A percepção de que o uso das feições naturais do território Contestado deveriam ser contemplados em uma pesquisa arqueológica surgiu dos argumentos de Boado (1999, p. 5), para quem a paisagem é o “produto sócio-cultural criado pela objetivação sobre o meio e em termos espaciais da ação social tanto de caráter material como do imaginário”⁶. É justamente o aspecto imaginado, simbólico, cognitivo que também deve ser considerado para além da

5 As diferentes linhas teóricas da arqueologia são didaticamente apresentadas por Jonhson (2000) e por Trigger (2004).

6 Tradução do original em espanhol.

materialidade do conflito bélico ora analisado. A paisagem e a natureza documentadas por um dos lados da guerra, isto é, as forças militares oficiais, destacaram a importância do uso do território em prol de seus inimigos, os destemidos sertanejos.

Este mesmo autor oferece um conceito coerente com esta proposta do termo “arqueologia da paisagem”, que a define como o estudo arqueologicamente orientado desta paisagem anteriormente definida, buscando a compreensão de paisagens do passado por meio do estudo da “culturalização” dos espaços ocupados pelos seres humanos. Para que tal proposta seja possível, é necessário conjugar-se três diferentes dimensões deste espaço: o meio físico, sendo o palco do desenrolar das atividades humanas; o meio social, onde os diferentes povos e indivíduos constroem seu mundo; e o meio simbólico, por onde as intervenções na paisagem são pensadas e o modo de vida é estruturado (BOADO, 1999, p. 6).

Neste artigo, o meio físico ou natural foi separado e tratado como um “objeto” arqueológico, na tentativa de se observar como o mesmo foi pensado durante o desenrolar da guerra, juntamente com o meio social composto por redutos, acampamentos militares, armamentos, trincheiras, fortificações e cemitérios. Em suma, um meio natural que foi simbolicamente transformado em poderosa arma aliada para um lado, e em oposição hostil para outro.

A paisagem admirada

A natureza do meio oeste catarinense, encontrada no início do século passado pelos militares que foram para a região com o objetivo de enfrentar os caboclos na Guerra do Contestado, provocava encantamento devido à sua exuberância e verde luxuriante. Relatos sobre a “mata inexplorada”, a qual “cobria todo o terreno” estão presentes nos discursos dos autores das principais obras com a temática da Guerra escrita pelos militares que estiveram

na região durante o período do conflito, que ocorreu entre os anos de 1912 e 1916.

Herculano Teixeira d'Assumpção descreve a natureza do meio oeste catarinense em sua obra "*A Campanha do Contestado*" mostrando encantamento pela paisagem que encontrou na região no início do século XX. A natureza da época parece para ele, em alguns momentos, além de encantadora e inspiradora, mística.

A belleza de sua ubertosa vivacidade, claramente salientada, num destaque que deslumbra, na sua paisagem soberba, onde se estendem interminaveis mantos de luxuriante vegetação constituída de fachinaes verdejantes, pontilhados de flores silvestres, ou de arvoredos cerrados, cheios de magnificos specimens, bem como o esplendor de sua parte morta, essencialmente accidentada, tortuosa, cheia de torcicollos, fazendo monstruosos cotovellos e abatida por fortes depressões, tendo a banhal-a numerosos e serenos rios, extasiavamos na sua contemplação... (D'ASSUMPÇÃO, 1917, p.128)

Em meio à exuberância natural, destacava-se a grande profusão de pinheiros encontrados na região na época do conflito, que, apesar de majoritário, cedia espaço para árvores de menor porte, algumas inclusive pontilhadas de flores, campos nativos, vegetação rasteira e faxinais, além de algumas clareiras naturais que podiam ser vistas nos lugares planos e mais baixos. Demerval Peixoto descreve a paisagem catarinense da época como um imenso "verde campo" (PEIXOTO, 1995, p.33).

D'Assumpção mostrou-se encantado com a natureza da região contestada, suas "colinas verdejantes", seus "extensos pinheirais" e suas vertentes de água cristalina. Os muitos rios, córregos e riachos que cortavam a região impressionavam por sua beleza e pela abundância dos recursos hidrográficos:

As mattas, orladas de curubas, de timbó, de cornalheiras, de floridos barbasco e de outros arbustos communs, amplamente tomadas de heras, têm, nos vincos de seu seio, pequenos correços, cujas aguas crystallinas mansamente defluem, banhando as raizes de sua altanada vegetação. E a relva que alcatifa seu solo viceja e rejuvenesce... (D'ASSUMPÇÃO, 1917, p.65)

As colinas atravessadas por arroios, que, segundo D'Assumpção, se sucediam “uma a outra até que os olhos possam as observar”, provocaram grande deslumbramento. Além dos rios que cortavam as serras em linhas sinuosas e suas águas que encantavam, “claras, frescas, mansas” e que “fertilizavam a serra”, a “riqueza” e a variedade da vegetação local também causou surpresa e encantamento neste oficial (D'ASSUMPÇÃO, 1917, p.129). A mata que cobria praticamente todo o terreno da região no início do século passado destacava-se em meio aos profundos vales que se estendiam entre os montes, cobertos de madeira de lei e sua luxuriante cobertura vegetal. A riqueza de madeiras para a construção, frutas e a variedade rara de plantas medicinais que podiam ser encontradas deslumbraram os militares que participaram da campanha do Contestado (SOARES, 1931, p.11).

A natureza da região meio oeste de Santa Catarina foi considerada “rica” por conter plantas muito valorizadas em outras regiões do país e do mundo, tal como a “açouta-cavallo”, a “canella parda e sassafras”, o “camará”, a “aroeira”, o “vinhático”, a “curatela sombahyba”; a “ariperana”, a “burarema” e “o precioso cedro” (D'ASSUMPÇÃO, 1917, p.66). Aujor Ávila da Luz relata em sua obra “*Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade de nossos caboclos*” que, em meio à vegetação exuberante, podiam ser encontrados taquarais, xaxins, pinheiros, imbuias, perobas e cedros (LUZ, 1952, p.140).

Delmir José Valentini, em seu livro intitulado “*Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do*

Contestado”, afirma que as “formidáveis florestas compostas de pinheiros” além de fornecer madeira, eram fonte de alimentação humana e animal (VALENTINI, 1997, p.21). D’Assumpção relata que, mesmo com o cuidado que as tropas tinham em prestar muita atenção à sua volta para qualquer movimento ou barulho na mata que denunciasses a presença dos inimigos, os soldados ainda apreciavam os sons vindos da natureza e que, mesmo exaustos das constantes marchas e vigílias, não havia como deixar de se notar a exuberante beleza natural da região:

E mesmo a nós, com todos os pesares; a nós que de olhos esbugalhados e emmoldurados de cílios avermelhados pela vigilância constante a que nos obrigavam a conservação de nossas próprias vidas e o bom êxito da santa cruzada que de corpo e alma estávamos entregues; [...] mesmo às nossas vistas fatigadas, unicamente presas a um único objectivo – o inimigo, não passavam despercebidas as magnificências desse grande quadro do sertão. (D’ASSUMPÇÃO, 1917, p.129)

Além da mata, sua fauna e flora, o clima das épocas quentes do ano rendeu bons comentários oriundos dos militares que estiveram no meio oeste catarinense durante a Guerra do Contestado. Pinto Soares, autor da obra *“Guerra em sertões brasileiros: do fanatismo à solução do secular litígio entre o Paraná e Santa Catarina”*, o descreveu como “bastante saudável e temperado, sento mui rigoroso no inverno” (SOARES, 1931, p.11). Já Luz afirma que o clima temperado rendia temperaturas muito agradáveis no verão (LUZ, 1952, p.18). Demerval Peixoto também teceu elogios ao clima da região:

Além da exuberância da sua natureza invejável, o clima serrano é excelente e adorável; desfrutando altitudes elevadíssimas da zona temperada, presta-se admiravelmente ao cultivo das frutas européias: a uva, o pêssego, o marmelo e a maçã, dessa terra magnífica não

diferenciarão das importantes do estrangeiro. (PEIXOTO, 1995, p. 32).

A paisagem hostil

Apesar de belíssima e elogiada, a paisagem trouxe muitos descontentamentos para os militares que enfrentaram os caboclos na Guerra do Contestado. O terreno foi escolhido como o pior inimigo enfrentado por eles. A natureza se constituía como o maior obstáculo para a atuação militar. Para Soares (1931, p.31), o terreno apresentava-se sempre com “ingratas surpresas”.

Herculano D'Assumpção relata que a paisagem era semelhante em toda a serra. O terreno era bastante irregular e sinuoso, com muitas lombas e baixadas, as matas suntuosas se estendiam em meio a vales, paredões de pedra, montanhas, despenhadeiros e serras. O solo era ora argiloso, ora pedregoso, e, por vezes, coberto de banhados. O terreno, bastante irregular, era entrecortado por numerosos rios e, em alguns trechos, as matas cediam espaço para as terras lavradas ou cultivadas. O autor descreve também a presença da produção de erva-mate em meio à floresta. Grandes clareiras se apresentavam na mata, e nelas era possível ver coivaras e em alguns espaços já se percebia a derrubada da mata, “obras de devastação” resultado da ação das serrarias (D'ASSUMPCÃO, 1917, p. 49).⁷

Maurício Vinhas de Queiroz descreve em sua obra “*Messianismo e Conflito Social: A Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916)*” as grandes altitudes que são características da região em tela, suas muitas serras e a bacia hidrográfica com grande quantidade de rios nela inserida. Segundo esse pesquisador, o solo da região era impróprio para a agricultura e a cada ano tornava-se

7 Inserida nos projetos industriais comandados pelo capitalista norte-americano Percival Farquhar, a empresa Southern Brazil Lumber explorou vastas áreas de cobertura florestal na região, processando madeira em duas grandes serrarias, sendo uma com proporções gigantescas em Três Barras, e outra menor em Calmon (VALENTINI, 2009).

menos fértil devido às constantes queimadas realizadas pelos habitantes com a intenção de melhorar a sua qualidade imediata para o cultivo de grãos (QUEIROZ, 1966:8). Aujor Luz afirma que o terreno muitíssimo acidentado, cheio de montanhas e serras era impróprio para a abertura e conservação de estradas, e que os rios, por serem cheios de quedas e cachoeiras não estavam aptos para navegação (LUZ, 1952, p.20). Cleto da Silva, que escreveu o livro *“Apontamentos Históricos de União da Vitória (1768-1933)”*, relata que os caminhos não passavam de picadas mal feitas devido às serras, “peraus”, desfiladeiros e caldeirões escondidos na mata (SILVA, 1933, p. 26).

Soares destaca a presença de árvores seculares, serras, sertões inhóspitos e da mata virgem que contava com apenas algumas clareiras. O autor descreve o território conflagrado como um lugar “que o homem ainda não exalou o sopro de vida” (SOARES, 1931, p. 128). Peixoto descreveu o terreno como repleto de banhados entremeio a mata, grotões, ondulamentos descampados, fortíssimas declividades, encostas escorregadias, serras íngremes de ascensão difícil cortadas por ladeiras tortuosas e caminhos lamacentos, pantanais inacessíveis, serranias e matagais inexplorados, incultos, misteriosos e desertos (PEIXOTO, 1995, p. 88).

Sobre as precipitações pluviais Soares relata que chovia por dias consecutivos na região, o que dificultava muito a campanha militar (SOARES, 1931, p. 47). Queiroz afirma que ali “ninguém padece de sede, nada morre pela falta d’água” (QUEIROZ, 1966, p. 07). Luz também relata que as chuvas eram abundantes e que traziam consigo outro desconforto para as tropas do exército brasileiro: as enchentes dos rios. As enxurradas faziam com que as águas subissem e os leitos se enchessem rapidamente, sendo que as águas barrentas traziam consigo troncos, madeiras e galhos, o que

tornava a travessia de cursos d'água após períodos de chuva bastante perigosa (LUZ, 1952, p. 20). Sobre o assunto, Demerval Peixoto afirma que,

As secas não são conhecidas e as águas, às vezes em verdadeiras tormentas, encharcam por completo as matas, inundam os campos durante semanas consecutivas, enlameiam os caminhos refazendo os atoleiros e transbordam os ribeiros vadeáveis impedindo as viagens por terra. (PEIXOTO, 1995, p. 33).

As tempestades constantes foram apontadas por D'Assumpção como responsáveis por noites frias, úmidas e barulhentas, que, além de prejudicar a vigília, tornava ainda mais desconfortável a jornada dos soldados, fogueiras tinham que ser acesas constantemente para que as roupas secassem e a tropa inteira não adoecesse (D'ASSUMPCÃO, 1917, p.130). Demerval Peixoto relata que a chuva, que ocorria geralmente durante a noite, a qual era responsável pela queda da temperatura, era sucedida por dias ensolarados e de muito calor. Segundo o militar escritor, muitos soldados adoeciam devido às mudanças bruscas de temperatura, situação que se agravava quando ataques militares tinham que ser realizados em meio a copiosas chuvas (PEIXOTO, 1995, p. 38).

Além da debilidade física, Peixoto relata dificuldades oriundas do alto volume de precipitações pluviais que ocorriam na região, dentre elas destacava-se a formação de lamaçais no chão, que serviam como o leito da soldadesca. Além da lama, a chuva promovia a redução da visibilidade dos sentinelas, o que dificultava a vigília e colocava a tropa em risco (PEIXOTO, 1995, p. 67). Alves Cerqueira, autor da obra *“A Jornada de Taquarussú (feito guerreiro): contribuição ao estudo da História Militar”*, apesar de relatar que a cada estiagem fogueiras tinham que ser acesas para que as roupas

dos soldados secassem, afirmou que a chuva não desanimava a tropa (CERQUEIRA, 1936, p. 20).

Herculano D'Assumpção relatou, ainda, que a atuação dos soldados foi bastante prejudicada pelo clima da região, pois enfrentavam, durante a mesma marcha, períodos de sol ardente e outros de chuva torrencial. Segundo este oficial, ventos impetuosos e chuvas fortes apareciam de maneira repentina e surpreendiam as tropas constantemente. A combinação de chuva e ventos por dias sucessivos ocasionava o frio, outro grande obstáculo para a tropa que estava desprovida de cobertas e que permanecia constantemente molhada, já que as estiagens não eram suficientes para que seus fardamentos secassem (D'ASSUMPCÃO, 1917, p. 130). Segundo Luz,
o

[...] verão ameno e passageiro, de dias claros de temperatura agradável, sucede um inverno rigoroso, em geral com chuvas, de dias sombrios, enevoados por densas 'cerrações' e acompanhado, as vezes, em certas regiões, de fortes nevadas; e onde, nas noites de tóda a estação invernosa, o termômetro cái a vários gráus abaixo de zero, amanhecendo as campinas, as lagoas e até os pequenos córregos, cobertos de uma delgada camada de gelo, constituindo as 'geadas' apreciadas pelos criados e temidas pelos lavradores. (LUZ, 1952, p. 18)

Este autor ainda relatou em sua obra que massas de ar polar faziam com que as temperaturas caíssem bruscamente, que o vento "minuano" fazia baixar ainda mais as temperaturas e que nevava com certa frequência durante o inverno, fenômeno que deixava a paisagem com aspecto europeizado. Segundo este autor, foram registradas temperaturas de cerca de 10º a 12º graus abaixo de zero a época do conflito, sendo que durante o degelo a temperatura e a sensação térmica baixavam sensível e excessivamente. Ainda relatou que o desenvolvimento de muitas

atividades eram prejudicadas na região durante o inverno, com as pessoas passando boa parte do tempo ao lado do fogo, elemento crucial para se suportar o rigor climático (LUZ, 1952, p.19). Mauricio Vinhas de Queiroz confirma os argumentos de Luz: “nos encontramos em zona temperada, numa das áreas mais frias do país, - onde no inverno, dias seguidos, o termômetro vai abaixo de zero, não provocam surpresa as geadas, e raro passa setembro sem que tenha caído neve” (QUEIROZ, 1966, p. 7). Ainda segundo ele, algumas pessoas que não dispunham de moradias morriam congeladas nas ruas da serra catarinense.

O frio foi apontado por D'Assumpção como um elemento natural a favor dos caboclos, já que as baixas temperaturas, acompanhadas da chuva e de ventos impetuosos, castigavam a tropa e dificultavam a atuação dos soldados, mas não impediam as tentativas de ataques dos caboclos. A geada frequente na região durante o inverno cobria os campos e destruía com as forragens dos animais utilizados como transporte e alimento para as tropas (PEIXOTO, 1995, p. 92).

Demerval Peixoto relata que as chuvas e geadas eram bastante frequentes nas madrugadas de inverno. O rigor da estação exauria a tropa que não possuía muitas roupas, cobertores e calçados adequados para se protegerem, nem dispunham de mínimos confortos. Tal condição climática resultou em baixas nas tropas, devido a doenças oriundas da combinação da umidade com as temperaturas próximas a zero graus Celsius (PEIXOTO, 1995, p. 89). Soares também afirma em sua obra que os soldados sofriam com crises de bronquite e reumatismo, devido a baixas temperaturas somadas às constantes chuvas e geadas (SOARES, 1931, p. 72). D'Assumpção (1917, p. 336) e Peixoto (1995, p. 49) relatam que mesmo no verão ventos impetuosos traziam baixas temperaturas para a região, e que este fator climático prejudicava enormemente a

atuação dos soldados. Além do frio, Soares (1931, p. 48) aponta as névoas como mais um dos obstáculos naturais enfrentados pelas tropas, as quais prejudicavam a visibilidade até perto do meio dia. Luz (1952, p.20) descreve nevoeiros tão densos que tornavam impossível enxergar algo que estivesse distante a mais de 20 metros.

Outro obstáculo natural que vinha com a chuva era a lama, a qual dificultava a mobilidade das tropas, a exploração das matas e o andamento das carroças, tornando o solo escorregadio e quase intransitável. As constantes chuvas impossibilitavam a utilização de carroças e algumas vezes o lamaçal obrigava-os a caminhar com auxílio de bastões. A lama, que por vezes se elevava acima dos joelhos dos soldados, dificultava a movimentação das tropas do exército brasileiro, com os atoleiros dificultando também o assentamento dos acampamentos (SOARES, 1931, p. 45; D'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 115; PEIXOTO, 1995, p. 120; CARVALHO, 1916, p. 34).

O terreno tornou-se para os militares o obstáculo mais difícil de ser superado. As dificuldades encontradas pelas tropas para marchar são recorrentemente descritas nos textos pesquisados. Peixoto cita raízes que por vezes afloravam do solo de maneira desuniforme e obrigavam a marcha a ser realizada a passos curtos e vacilantes, considerando também que os batalhões militares estavam sempre descendo ou subindo encostas escorregadias, atravessando riachos e rios com correntezas. D'Assumpção escreve que,

A chuva, com pequenas intermitências, miuda ou a cantaros, impiedosamente fustigava a tropa, tornando escorregadio, quase mesmo intransitável, o terreno, em grande parte silico-argiloso, constituindo um suplicio para os nossos bravos soldados; e, como que para aumentar tamanho desconforto de marcha, o mattagal cerrado, gottejando agua e cheio de espinhos, matyrizava os abnegados exploradores, molhando-os, rasgando-lhes

o fardamento, dilacerando suas carnes, enfraquecendo suas energias físicas... (D'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 116)

Os autores relatam diversas dificuldades enfrentadas no que diz respeito à mobilidade das tropas, por não conhecerem o terreno e pelas características físicas do mesmo. D'Assumpção afirma que matas tinham que ser atravessadas por locais quase intransitáveis e que a marcha era bastante prejudicada, sendo que os animais se recusavam a transitar por algumas trilhas estreitas. Setembrino de Carvalho afirma que a ausência de estradas próprias para a travessia com carroças dificultou muito a atuação e mobilidade das tropas, já que estas transportavam os mantimentos necessários para a campanha militar (CARVALHO, 1916, p. 34). A lama tornava o solo escorregadio, a mata era serrada, o que feria os soldados além de dificultar a mobilidade da marcha (D'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 117). Nos relatos desse autor, o terreno era muito desvantajoso para as operações militares:

E assim, como o estímulo dado pela verdadeira intuição do dever militar, as columnas – de etapa em etapa, em terrenos cobertos, cortados de itaimbês, vencendo fragas, escalando montanhas, atravessando valles, desfiladeiros, linhas dagua, alagados, batendo e contornando florestas – marchavam heroicamente, palmilhando os grandes accidentes, quase que impraticáveis, da vasta região serrana por demais desvantajosa a operações militares. (D'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 117).

A descrição segue com a afirmação de que as tropas tiveram que escalar trechos com inclinação maior a 40 graus, marchar em terreno pedregoso, ora argiloso, próximo a penhascos, em locais que representavam grande perigo para os soldados. O terreno por ser muito irregular, além de dificultar a movimentação, impossibilitava alguns posicionamentos e combates (D'ASSUMPÇÃO, 1917, p. 44). Alves Cerqueira (1936, p.17) relata que o relevo muitas vezes somente possibilitava a movimentação das tropas em filas estreitas,

fazendo com que as colunas ficassem muito longas. Demerval Peixoto também relata casos semelhantes, nos quais as dificuldades de movimentação e de transporte de material eram imensas. Segundo o autor, algumas vezes a passagem por desfiladeiros tornava-se obrigatória, ou então, trilhas por entre espinheiros tinham que ser utilizadas (PEIXOTO, 1995, p.63).

Fernando Setembrino de Carvalho, em sua obra “*A pacificação do Contestado: relatório ao clube militar*” define a paisagem da região como de “péssimos caminhos” e fala também da “deslealdade dos habitantes” das zonas que atravessara, pois estes se recusavam a prestar auxílio às tropas, segundo o autor, por medo de vingança dos sertanejos envolvidos diretamente no conflito. Cita em sua obra os relatos do capitão Adalberto Gonçalves de Meneses, o qual afirma que a vitória do exército brasileiro era “nada provável devido á natureza do terreno e do inimigo a combater” (CARVALHO, 1916, p. 10). O autor segue afirmando que a região era “vasta” e os caminhos “precários”, o que tornava imprescindível uma cavalaria “atrevida e bem montada”. No entanto, relata também que havia muitas baixas de animais durante o rigoroso inverno, o que combinado com a ausência de pastos, ração e recursos para supri-los, enfraquecia muito os animais e favorecia as baixas entre eles (CARVALHO, 1916, pp. 31-48).

Soares (1931, p. 45) escreve que a mata espessa, as montanhas, os atoleiros e as rampas dificultavam o transporte de mantimentos e armas. Deste modo, o terreno obrigava que a marcha andasse lentamente. Peixoto relata que a tropa sentia as dificuldades de atravessar os sertões, de marchar em terreno de difícil acesso, com íngremes escarpas de serras, e afirma que a organização e o funcionamento da marcha dependiam das condições que o terreno oferecia:

O triplo funcionamento para marchar – a vanguarda, o grosso e a retaguarda – dependia sobretudo das modalidades do terreno a romper. Ora as coxilhas cobertas de vegetação rasteira, ora as onduladas extensões cerradas de florestas, sucediam-se numa descontinuidade inexplicável e, em meio destas, os trilhos sinuosos onde um a um os viajantes mal passavam. (PEIXOTO, 1995, p. 120)

A mata espessa tornou-se um grande obstáculo para as tropas, pois, além de dificultar a movimentação das mesmas impossibilitava a percepção de emboscadas por parte dos guerrilheiros caboclos, devido à baixa visibilidade disponível. Para que pudessem se orientar em meio à mata, as tropas foram obrigadas a estabelecer estratégias e mecanismos de comunicação e orientação como os toques de cornetas, para que os pelotões não se distanciassem em demasia (PEIXOTO, 1995, p. 115; D'ASSUMPCÃO, 1917, p. 272; CERQUEIRA, 1936, p. 31). As dificuldades do terreno não permitiam que as tropas se orientassem como eram treinadas para fazê-lo:

As dificuldades insuperáveis à execução do pensamento estratégico simplíssimo, não permitiram que se tornassem realidade as previsões de direção. Enquanto os recursos escasseavam à tropa diretamente dirigida pelo general, a 3ª coluna, tinha de penetrar espessas florestas por caminhos quase intransitáveis e esquivos; sem recursos de qualquer espécie, não lograria romper a tempo a distância mal apreciada de antemão. (PEIXOTO, 1995, p. 138).

Escreveu Demerval Peixoto que a mata “interminável” dificultava qualquer ação, inclusive o transporte dos feridos, que era altamente perigoso, tanto através da mata quanto em pequenas lanchas pelos rios. A mata também impedia que eles utilizassem todas as propriedades de suas armas e táticas de batalha. Até mesmo os aviadores enfrentaram dificuldades para atravessar as

serras norteando suas aeronaves⁸, devido às infundáveis florestas e os nevoeiros comuns na região durante as estações frias, principalmente à noite e pela manhã (PEIXOTO, 1995, p.74). As tropas sofriam séria desvantagem por terem que enfrentar, além do inimigo, as dificuldades da paisagem.

A superioridade dos atacantes era enorme... mas caminhavam em terreno hostil: por mato espesso e por 'picadas' cheias de lamaçais, em que os soldados se enterravam até os joelhos, obstruídas por troncos e raízes, ora descendo 'canhadas', ora subindo encostas, cortadas por rios e riachos que uma chuva torrencial, que caiu inesperada, fez transbordar. (LUZ, 1952, p. 115)

O terreno era bastante desvantajoso para situações táticas e impossibilitava que se prolongassem as linhas de abastecimento. Segundo d'Assumpção (1917, p.106), os horizontes eram limitadíssimos e os caminhos apertados entre a paisagem, a qual só possibilitava combates em pequenas frentes. O terreno era impróprio para a cavalaria, o que dificultava a perseguição dos inimigos e não permitia a utilização plena de canhões e metralhadoras. Soares (1931, p. 46) também relatou que o terreno impossibilitava a utilização de certas armas, e Cerqueira (1936, p.31) foi além dizendo que as que eram passíveis de utilização eram difíceis de serem manejadas, devido à mata ser muito fechada. No entanto, a paisagem também foi utilizada a favor das tropas, já que o topo de colinas foi utilizado para atingir com tiros de canhões e metralhadoras os redutos atacados, como aconteceu nos combates contra o reduto de Taquaruçu, o tenente-coronel Alleluia ocupou o Capão Alto com cerca de duzentos homens, local este que, segundo o autor, era "excellente posição no restringir ao *razzeis* dos fanáticos dos campos

8 Pela primeira vez no Brasil foram utilizados aeroplanos com o duplo objetivo de realizar observações sobre a movimentação dos sertanejos e também para o lançamento de bombas. A empreitada logo se mostrou desastrosa, após incidentes que destruíram duas máquinas antes de serem usadas e a queda do avião e consequente morte do Capitão Kirk (PEIXOTO, 1995, p. 71-76).

riquíssimos de Lages a S. Joaquim” (CARVALHO, 1916, p. 56; CERQUEIRA, 1936, p. 18; LUZ, 1952, p. 109).

Soares (1931, p. 64) afirma que os soldados temiam a mata, além do inimigo, principalmente quando era necessário acampar em meio a ela, em locais que não permitiam uma vigilância completa. D’Assumpção (1917, p. 130) relata que o meio selvagem aterrorizava-os por seus sons e iluminação. Os militares consideraram a natureza como aliada dos caboclos no conflito, os quais conheciam muito bem o terreno e utilizaram-se disto durante a Guerra. De acordo com a historiadora Marli Auras, autora da obra “*Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*”, os sertanejos utilizaram ao máximo seus conhecimentos a respeito das características do terreno:

O profundo conhecimento da configuração topográfica da região era habilmente explorado pelo caboclo a seu favor, tanto para a escolha de um local mais seguro para erguer o reduto, quanto para encurralar os soldados em gargantas sem saídas, atacando-os de imediato. Era comum a prática de conduzir os soldados para densas matas, de modo a impossibilitar o uso das armas de fogo e, assim, deixá-los a mercê da superioridade dos seguidores do monge no uso das armas brancas (AURAS, 1984, p. 165).

Os acidentes naturais do terreno protegiam o inimigo, assim como a vegetação luxuriante, já que os caboclos aproveitavam-se dela para atacar as tropas do alto das árvores e surpreende-los facilmente enquanto estavam acampados descansando da marcha fatigante em meio à mata (SOARES, 1931, p. 60; CARVALHO, 1916, p. 18). Aujor Ávila da Luz (1952, p. 119) escreve que muitas vezes após uma marcha dificultosa por “picadas abandonadas cheias de troncos e raízes, subindo e descendo serras” o inimigo “invisível” em meio à paisagem os surpreendia, instaurando o pânico entre os soldados.

Frei Aurélio Stulzer, autor da obra *“A Guerra dos Fanáticos (1912-1916): A contribuição dos franciscanos”*, diz que os “fanáticos” saíam inesperadamente do meio da mata e atacavam os soldados de maneira bastante rápida, já que “ao contrário do Exército, [os caboclos] conheciam cada palmo de terra” (STULZER, 1982, p. 65). Segundo o padre franciscano, a mata fechada impossibilitava inclusive a contagem dos mortos e do número de inimigos. Devido aos seus conhecimentos, os caboclos escondiam-se facilmente na mata e dessa maneira as tropas encontravam dificuldades para se protegerem do fogo inimigo e contra-atacar em meio à vegetação espessa.

As forças encontravam-se ainda bivacadas no local do ‘reduto’: uma clareira contornada de terreno montanhoso, densa mata, pantano, itaimbés, frondosas e altas arvores... Os bandoleiros, protegidos pelos acidentes naturais do terreno e pela vegetação luxuriante, conseguiram, sorrateiramente, aproximar-se do bivaque à distancia conveniente ao alcance de suas armas, e colocar atiradores armados de fuzil ‘Mauser’ em arvores dominantes, para, a um dado sinal, que foi o tiro de garrucha, atacarem por quasi todos os lados, violentamente pelo fôgo, debaixo de uma infernal gritaria, a força, sem temores, bivacada! (SOARES, 1931, p. 60)

O conhecimento do terreno pelos caboclos facilitava também sua mobilidade, pois estes podiam utilizar atalhos, enquanto as tropas do exército, por não conhecerem o ambiente, preferiam se movimentar por estradas e caminhos, levando desvantagem (SOARES, 1931, p. 70). As profundas depressões no terreno e os despenhadeiros cobertos de mata ofereciam abrigo aos sertanejos, servindo como trincheiras naturais. Além disso, marchavam por locais mais amenos e planos e escondiam-se facilmente no terreno, por conhecerem “cada uma de suas voltas” (PEIXOTO, 1995, p.152). Por vezes, as tropas se retiraram temerosas com as dificuldades que

o terreno lhes ofertava e com as emboscadas dos inimigos: “O adversário tendo sobre nós a grande vantagem de conhecimento do terreno, continua emboscado até que a infantaria desça a serra para nos fuzilar com toda a segurança” (PEIXOTO, 1995, p. 89). O inimigo se escondia nas ondulações do terreno e tornava-se invisível em meio à mata.

Essa operação só podia ser feita a pé, num terreno desconhecido, com tropas cansadas que inutilmente se embrenhariam no sertão deserto, pois o inimigo conhecedor profundo das grutas em que vive, saberia esconder com toda segurança, menoscabando de nossa perseguição e armando emboscadas, onde os nossos soldados ficariam traiçoeiramente sepultados, deixando nos antros do banditismo armas e munições. (PEIXOTO, 1995, p. 152)

O aproveitamento do terreno pelos caboclos também impressionava os militares. O inimigo utilizava o terreno hostil para emboscá-los, os redutos eram cercados e protegidos pela mata e pelos acidentes do relevo e até mesmo a natureza “reagia contra a geometria das táticas”, a favor dos caboclos (SOARES, 1931, p. 36; LUZ, 1952, p. 160; PEIXOTO, 1995, p. 111). Os obstáculos naturais do terreno também eram utilizados pelos nativos durante os confrontos como uma alternativa de defesa, como demonstra a seguinte passagem:

Menos audaciosos que os da margem do Iguaçu, os jagunços da região serrana renunciavam atacar, mas preferiam defender-se com ardor extraordinário, praticando o aproveitamento do terreno, morando na própria espera, ocultos mas ferozes, acoitados dentro de tabocais, trepados nas grimpas das árvores, invencíveis antes de serem atingidos de morte, cruéis na luta, desesperadamente valentes porém fugazes. (PEIXOTO, 1995, p. 110)

Soares parece apontar, em alguns trechos de sua obra, as características do relevo da região como responsável por algumas das derrotas sofridas pelo exército brasileiro durante a Guerra do

Contestado. O autor afirma que “lutas traiçoeiras” foram travadas na “região inóspita”, de “solo montanhoso e áspero”. A Guerra foi considerada por ele como “irregular”, e os nativos como “indivíduos viciados na caçada covarde e vil por detrás do páu”, fazendo referência à utilização da floresta a favor do inimigo. As emboscadas foram consideradas pelos militares como parte de uma “luta traiçoeira”, e o terreno como uma “extensa e selvática região de montanhas” (SOARES, 1931, p.77).

Setembrino de Carvalho critica o treinamento oferecido às tropas pelo exército e a ausência de recursos disponibilizados para as campanhas (CARVALHO, 1916, p. 35). Peixoto também afirma que o treinamento militar oferecido pelo exército brasileiro na época não preparava adequadamente os soldados para o que eles encontrariam na região de conflagração da Guerra do Contestado:

Empenhada, como foi, a campanha, num meio inteiramente hostil, cheio das mais inesperadas dificuldades naturais, caracterizadas pelos recontros resultantes das emboscadas contínuas, numa prática de guerrilhas que, sinceramente, não eram as previsões do exército treinado no quadrilátero plano das casernas, há muito agora que aproveitar-se das operações praticadas naquelas condições bem desfavoráveis para as tropas regulares. (PEIXOTO, 1995, p. 166)

De modo geral, as táticas treinadas pelas forças armadas brasileiras se mostraram ineficazes durante o decorrer da guerra, com a natureza regional dando mostras da inutilidade dos planos de avanços, do vestuário inadequado, dos acampamentos mal assentados, dos tipos de armamentos utilizados, do desenrolar das marchas, enfim, com todo o plano de ação bélica comprometido devido ao despreparo que se estendia do oficial mais graduado até o soldado raso.

Considerações finais

Por meio da análise de algumas obras que trataram da história da Guerra do Contestado constatou-se o papel ativo que a natureza – representada pelo relevo, pelos solos, pelo clima, pela hidrografia e pela flora e fauna – desempenhou no contexto das ações militares de lado a lado. Para os militares que se deslocaram de outras partes do Brasil – principalmente do Rio de Janeiro – o início da marcha para a região foi marcada pelo encantamento da natureza preservada. Esta impressão positiva muda quando se avança sobre o cenário da guerra, onde a luxuriante paisagem é intensamente utilizada pelos combatentes sertanejos como uma arma de combate, os quais transformaram as matas intocadas em esconderijos para emboscadas, as canhadas do relevo em trincheiras e os rios pontos propícios para atacar o inimigo despreparado para a peleia.

Afortunadamente, as fontes consultadas privilegiam o ponto de vista das forças militares que se ocuparam de reprimir a resistência cabocla, sendo estes personagens caracterizados de modo muito preconceituoso, como seria de se esperar, taxados de “ignorantes”, “fanáticos”, “bandidos” e assim como as sociedades indígenas de modo geral, classificados como parte do mundo natural. De qualquer modo, a inteligência da tática guerreira cabocla é, por vezes, reconhecida nos escritos, a despeito da inferioridade numérica e de logística bélica, souberam manejar diversas feições na paisagem em causa própria. Em tempo, ainda deve-se considerar que a narrativa dos militares privilegia os atos de “heroísmo” e “bravura”, sendo a paisagem hostil utilizada dentro de um discurso que, justifica em parte as derrotas impostas pelos sertanejos em quatro anos de guerra.

Com o passar do tempo e havendo sofrido inúmeras derrotas, o exército buscou formas de mudar a estratégia nas

batalhas, estudando detalhadamente o comportamento sertanejo e, no mais das vezes, aprendendo a atuar de modo semelhante. Contudo, conclui-se aqui que sem a participação efetiva das colunas de vaqueanos, liderados por coronéis locais, as tropas sofreriam ainda mais para vencer a resistência sertaneja. Estes sujeitos foram nomeados entre os habitantes da região e, bem pagos e armados, serviram como força adicional ao contingente militar, com a enorme vantagem de serem profundos conhecedores do território, guiando as tropas e tomando parte nos combates com a mesma tática utilizada por parte dos adversários⁹. Alguns deles, como Henrique Wolland, vulgo Alemãozinho¹⁰, eram desertores dos redutos santos, contribuindo sobremaneira com muitas informações importantes sobre a localização e o modo de atuação da resistência cabocla no sertão Contestado.

9 Os vaqueanos foram assim descritos por Queiroz (1966): “Vaqueano, o mesmo que tapejara, é o indivíduo que conhece todos os caminhos e lugares de uma área do sertão. Geralmente se empregava o termo antes da guerra, para indicar uma pessoa prática em guiar os viajantes pelas picadas e atalhos. Deflagrado o conflito, tornou-se designativo habitual que a tropa dava aos paisanos que lhe serviam de guia, apoiando-se nos serviços de exploração”.

10 Descrições deste enigmático personagem podem ser encontradas em Valentini (2000, p. 147-148).

Agradecimento

Agradecemos ao colega prof. Dr. Claiton Márcio da Silva, pela leitura crítica dos originais, com importantes sugestões pertinentes. Evidentemente, a responsabilidade sobre possíveis erros e omissões é toda nossa.

Referências

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. UFSC: Assembléia Legislativa; São Paulo: Cortez, 1984.

BOADO, Felipe Criado. Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje. **CAPA 6**, Grupo de Investigación em Arqueología del Paisaje, Universidad de Santiago de Compostela, 1999.

CAVALCANTI, Walter Tenório. **Guerra do Contestado**: verdade histórica. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

CARVALHO, Fernando Setembrino. **A pacificação do Contestado**: relatório ao clube militar. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916.

CERQUEIRA, Alves. **A Jornada de Taquarussú (feito guerreiro)**: contribuição ao estudo da História Militar. Rio de Janeiro: Editora do Exército, 1936.

D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. **A campanha do Contestado**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1917.

HEINSFELD, Adelar. **A questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no baixo vale do Rio do Peixe/SC**. Joaçaba: Edições UNOESC, 1996.

JOHNSON, Matthew. **Teoría Arqueológica – Una Introducción**. Barcelona: Ariel, 2000.

LUZ, Aujor Ávila. **Os fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade de nossos caboclos. Florianópolis: EDUFSC, 1952.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.

PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado: raízes da rebeldia**. v. 1. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

_____. **Campanha do Contestado: O cerco e a retirada**. v. 2. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

_____. **Campanha do Contestado: a grande ofensiva**. v. 3. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social: A Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SILVA, Cleto da. **Apontamentos Históricos de União da Vitória (1768-1933)** União da Vitória – PR: [s.n.], 1933.

SOARES, J. O. Pinto. **Guerra em sertões brasileiros: do fanatismo à solução do secular litígio entre o Paraná e Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1931.

STULZER, Frei Aurélio. **A Guerra dos Fanáticos (1912-1916): A contribuição dos franciscanos**. Petrópolis: Vozes, 1982.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a guerra do contestado**. 2. ed. Caçador, SC: UNC, 2000.

_____. **Atividades da Brazil Railway Company no Sul do Brasil: A Instalação da Lumber e a Guerra na Região do Contestado (1906-1916)**. 2009. Tese (Doutorado) – Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Artigo recebido em 11/08/2011

Artigo aceito em 19/12/2011